

humanitas



Vol. LXII
2010

POCIÑA PÉREZ, A., GARCÍA GONZÁLEZ, J. M. (eds.), *En Grecia y Roma, III: Mujeres reales y ficticias*, Granada, Editorial Universidad de Granada, 2009, 566 pp. ISBN: 978-84-338-5067-6.

Esta obra reúne uma colectânea de artigos decorrentes de um Curso organizado em 2008 pela Delegação de Granada da Sociedad Española de Estudios Clásicos, subordinado ao tema *En Grecia y Roma, III: Mujeres reales y ficticias*. Como se indica no prólogo, é o terceiro livro de um projecto que, empenhado em ocupar-se de questões de destaque na experiência da Grécia e da Roma clássicas, em particular de temas que mantêm relevo na actualidade, viu já publicados os resultados de dois Cursos anteriores, nos volumes I e II (intitulados respectivamente *En Grecia y Roma: las gentes y sus cosas*; *En Grecia y Roma, II: lecturas pendientes*).

Nesta edição, são vinte e seis as figuras femininas da Antiguidade tratadas pelos diferentes colaboradores, num périplo interessante e variado, que inclui personagens mítico-literárias a par de mulheres que habitaram outrora no mundo dos efémeros, desde historiadoras, a poetisas ou a filósofas, por exemplo.

A estrutura dos diversos contributos mantém uma coerência reveladora de um objectivo comum: apresentar mulheres, a partir de *testimonia* de autores greco-latinos, ilustrativos das reflexões levadas a cabo por cada um dos participantes, os quais se apoiam também em bibliografia oportunamente exibida no final de cada artigo.

Uma gravura distinta marca o início dos diferentes capítulos, com frequência alusiva à personagem tratada em seguida, opção que torna desde logo o volume visualmente mais atractivo.

Uma breve introdução, por norma, articula a mulher retratada com o mito em que se integra ou com o respectivo contexto histórico e cultural da época em que viveu, salientando-se, com frequência, a excepcionalidade dessas figuras, porquanto capazes de se destacar em universos tradicionalmente masculinos, sobremodo ligados à vida pública.

As considerações que precedem as fontes elencadas por cada colaborador, por seu turno, contemplam em geral dados míticos ou biográficos das personagens comentadas, abrangendo elementos alusivos à personalidade, à obra, ao magistério, aos feitos das mesmas.

A apresentação de nomes míticos, em particular, estabelece por hábito um confronto entre versões escritas por autores diferentes, favorecedor da percepção da continuidade ou, pelo contrário, da discrepância no tratamento

de uma mesma figura. É também comum a referência à representação das várias personagens em múltiplas artes ou em textos de autores posteriores, a sublinhar a perenidade de figuras da Antiguidade clássica e dos valores que elas simbolizam, mesmo no mundo contemporâneo.

As naturais imposições destinadas à duração da exposição e comentário das fontes impedem o desejo de alguns colaboradores de desenvolverem mais determinados assuntos, ou de introduzirem outros testemunhos.

Em jeito de conclusão, sublinhe-se que este título, amplo e bem organizado, é de interesse para um tema que se revela actual.

A inclusão de um índice onomástico seria todavia de grande utilidade e pertinência, facilitando a localização rápida de outras figuras femininas citadas na obra, ainda que não abordadas de modo desenvolvido. Igualmente bem-vinda seria a previsão de uma síntese um pouco mais alargada sobre os vários contributos individuais, no prólogo dos editores.

SUSANA HORA MARQUES

La Renaissance de Lucrèce, Paris, PUPS, Cahiers V. L. Saulnier 27, 2010, 252 pp. ISBN: 978-2-84050-677-5.

Frank Lestringant, no artigo de abertura deste volume, que intitula “Lucrèce, la Renaissance et ses naufrages: à propos du «*suaue mari magno...*»”, afirma (p. 7): «“Renaissance de Lucrèce” et non pas “Lucrèce à la Renaissance”. La nuance, voulue par Emmanuel Naya, le responsable du présent volume, est d’importance». O título (com o motivo epicurista do *suaue mari magno* dos quatro primeiros versos do Livro II do *De rerum natura*), os objectivos e a indicação do responsável deste volume – ausente na ficha técnica – são agora clarificados: não se trata de uma obra de história da recepção, nem se inscreve na perspectiva positivista que vê na influência de Lucrécio, na França do século XVI, ou no Renascimento italiano, uma conquista do racionalismo, conquista progressiva e inelutável, na linha dos estudos de Simone Fraisse (1962) e de Susanna Gambino Longo (2004). Em oposição a uma reconstrução linear, que peca por ilusão teleológica, esta obra apresenta estudos de doze autores, um mosaico de leituras modernas de Lucrécio, diversas e contraditórias, já que Lucrécio, no Renascimento, está vivo e o *De rerum natura* é um poema da natureza, em perfeito devir, aberto a múltiplos sentidos e utilizações.